

ELO MAR

GERHARD

CEDI - P. I. B.
DATA 16 / 10 / 86
COD MKD 03

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

RELATÓRIO SOBRE OS MAXAKALI

Exatidão
Paul

Em cumprimento às determinações da Portaria nº 478/P de 30.09.1977, dirigi-me juntamente com o Dr. Valter Ferreira Mendes, do DAPI, para a Reserva Indígena Maxakali, sob a jurisdição da II DR para cumprirmos visita de inspeção e orientação visando ajudar a execução de um Projeto de Desenvolvimento comunitário elaborado pela Assessoria de Planejamento em favor daquela nação.

Nossa partida de Brasília deu-se a 10 de outubro próximo passado, mas só chegamos à área quatro dias depois porque esperamos o titular da Delegacia Local chegar de outra missão, mas como o mesmo demorasse, seguimos numa das viaturas Rural, sendo dirigida pelo próprio Dr. Valter, e fazendo-nos acompanhar pelo Técnico Agrícola Marco Aurélio Nogueira da Silva, então recém-contratado pela FUNAI para atuar especificamente no Projeto Maxakali.

O Dr. Valter Mendes permaneceu por três dias na área; o técnico Marco Nogueira lá atuou desde aquela data até o dia 24 de janeiro do corrente, quando se retirou em definitivo da área e da FUNAI. Já meu tempo de atividade dentro da reserva dividiu-se em dois períodos o primeiro do 14 de outubro a 13 de novembro e o segundo, de 18 de janeiro a 09 de fevereiro último, totalizando 53 dias.

Durante este tempo, embora tenha sido designado apenas para proceder a uma visita de inspeção, prolonguei ao máximo possível cada período para melhor participar das atividades e melhor observar a execução do projeto.

A região onde habitam os Maxakali de Água Boa localiza-se a 25km da fronteira de Minas Gerais com a Bahia, na sua parte sul, no rumo leste, onde está a cidade de Batinga. Pelo rumo oeste, sempre por instável estrada de terra, temos o acesso principal às mais importantes cidades como Mochocalis, a 31km; Águas Formosas, a 62km, e Pavão, a 107km, ligando-se, após 202 quilômetros, com a BR-110 (Rio-Bahia), 18km adiante de Teófilo Otoni.

O clima é temperado, com precipitações abundantes e bem distribuídas por todo o período anual marcô de uma localização geográfica privilegiada, não muito afastada do litoral e simultaneamente situada ^(entre) entre serras, oferecendo assim segurança a toda atividade agro-pecuária, sendo as pescas fenômenos de uma das mais

Paul

prejudicial. Tratando-se, porém, de uma região serrana, a atividade preferencial é a pecuária, limitando-se a agricultura para a subsistência ou para a obtenção de pequenos lucros em vendas nas feiras dos sábados e domingos nas cidades, em favor dos trabalhadores das fazendas, classe de menor renda na região.

Há, assim, uma grande estratificação social na área onde, na cúpula, encontram-se os fazendeiros grandes e médios que manobram a política da região, seguidos dos pequenos fazendeiros, de baixa cultura e ocupando áreas menos valorizadas. Os comerciantes, por sua vez, vivem nas cidades, em função de que compram os fazendeiros. Se a safra destes não for boa, todos fracassam. Ainda nas cidades, formando uma mínima parcela de população, estão os funcionários públicos e alguns poucos profissionais liberais como médicos e dentistas. Finalmente, ocupando o último lugar no escalão social e formando a maioria da população, estão os peões, trabalhadores braçais, empregados nas fazendas.

Os índios, por sua vez, formam como em todo o Brasil, uma categoria à parte, e infelizmente, também em sentido negativo. Nesta área residem quatrocentos indígenas de grupo Maxakali, de tronco linguístico elófilo, dividindo-se em cinco aldeias, sendo três na Reserva do Córrego Água Boa e duas na Reserva do Pradinho.

Cabe aí, antes de quaisquer outras citações, preciso deixar patenteada minha estranheza e decepção pessoal em constatar que, por implicações políticas, um território de uma nação indígena, já em si exiguo, foi dilacerado por uma ampla faixa de terra utilíssima que, sem dúvida, muito contribuiria para um aproveitamento racional que amenizaria o estado de desnutrição atravessada principalmente pelos habitantes de Pradinho. Esta faixa é cortada pela estrada estadual que liga Felisburgo a Batingá, mas as laterais excessivamente em muito o que seria necessário à sua abertura e utilização normal. Na verdade, para responder as reais necessidades do grupo, a Reserva deveria, pelo lado do Pradinho, estender-se, pelo menos até encontrar o córrego Emburana. Como está, não há dúvida de que a Reserva é pequena e quando a população dobrar, haverá carência alimentar grave.

Quanto às manobras políticas locais, tudo foi e é feito para prejudicar os índios. O atual prefeito de Bertópolis, por exemplo, chegou a prometer em sua campanha eleitoral passada, em

em

comícios públicos, a expulsar todos os índios do seu município. A propósito, não é demais lembrar que, em toda parte, o índio nunca é bem aceito porque, com raras exceções, não paga imposto nem é eleitor, não contribuindo, assim aos cofres e interesses políticos municipais. Lá, naquela região, não é diferente porque, se todos acusam, por exemplo, os índios de serem cachaceiros, ninguém se lembra ou se interessa em reprimir os elementos não indígenas - que são incontáveis - de venderem a bebida para eles, sempre explorando-os com preços extorsivos, ao invés de contribuírem para que abandonem tão nocivo hábito. Há inclusive quem faz deste fornecimento súrdido e clandestino um meio de vida, fruto resultante, por outro lado da precária condição sócio-econômica de toda a população regional.

③ Desde que foram atraídos há cerca de quarenta anos pelo sertanista/Telésforo Martins Fontes/ suas terras foram sendo paulatinamente cobrigadas e ocupadas. No entanto, pessoas idosas que nasceram e ainda vivem na região são unânimes em afirmar que, no princípio, não havia qualquer problema de bebidas e assaltos por parte dos índios. Estes começaram a partir da retirada do sertanista para trabalhar no norte do país, quando então, sem a presença de seu maior assistente, os índios começaram, por falta de orientação, a destruir as casas para eles construídas e a adquirir doenças e vícios. Para corrigir os problemas surgidos, do mesmo tempo que defendia diversos interesses escusos locais, a Polícia Estadual, por intermédio do Capitão Pinheiro, lá atuou durante alguns anos e os resultados foram os já conhecidos: do lado de uma rígida disciplina nada científica aplicada por castigos corporais e prisão celular, que produziu uma relativa paz entre índios e não-índios, foi por outro lado totalmente esquecido o aspecto cultural e, não temos assim, conhecimento de qualquer índio lá alfabetizado durante aquele período.

A pior consequência, entretanto, foi o profundo ódio inculcado no índio contra a figura do policial e um ressentimento ainda maior contra a existência dos elementos da GRIN - Guarda Rural Indígena - desastrosa iniciativa disseminada em outros grupos, embora não oficializada, mas cujos problemas já causados são bastante conhecidos.

Entre os Maxakali, que são o nosso ponto de interesse, a maior queixa é a de que seus integrantes absolutamente nada fazem

Arif

e pelo que trabalham querem receber à parte. Com o ordenado sempre pontual que percebem, podem manter facilmente um status bem superior aos demais e é preciso muita paciência e habilidade para conseguir delas qualquer ajuda em trabalho sem que saíam "cobrar por fora".

Na hora de receber o salário, porém, todos os sete GRIN lá existentes, comparecem para, no final da semana, estarem bêbados como tantos outros!

Acho pessoalmente que há condições de empregá-los na qualidade de funcionário da FUNAI e com atividades específicas, mas é preciso eliminar o GRIN pois jamais cumpriu na prática sua finalidade e tem sido fator de sérios desentendimentos, e distorções nos grupos indígenas onde foi implantada.

Presentemente, os Maxakali estão atrevessando uma grande crise de liderança. O velho Micael, que era antes o Chefe geral, já não é escutado pelos mais novos, embora seja, evidentemente, respeitado por sua tradição. Na Reserva de Água Boa, as três aldeias são pouco distantes uma das outras. A de Micael situa-se numa pequena colina junto a serra, a oeste, pela margem esquerda do córrego, conforme o croquis em anexo. As duas outras aldeias, uma próxima à enfermaria e outra ao curral, são formadas por elementos de maior afinidade de parentesco. Adolfo é tido como o "Capitão geral" e Júlio é definido como Chefe de sua aldeia. Entretanto, na prática, este último é mais considerado, pois o primeiro, além de beber, não tem ascendência moral sobre os demais. No Pradinho, da mesma forma, nenhum índio tem ascendência em potencial sobre outro, mesmo os GRIN.

Em certa ocasião, três índios adolescentes, da Aldeia de Micael levaram pela madrugada uma mula do posto que o vaqueiro precisava pela manhã para tocar o gado. Eles queriam a mula para ir ao Pradinho e depois voltar. Quando a denúncia chegou a meu conhecimento, sugeri ao índio Kenê, José Ferreira Maxakali - filho do Capitão Adolfo, que fossemos recuperar a mula, no jippe do posto, mas ela confessou que não deveria participar, pois poderia criar graves inimizades, uma vez que já era muito antigo o conceito de que o patrimônio do posto é para ser usado pelo índio e ninguém deve intrometer-se. Da mesma forma, contou-me que nenhum índio deve ardisar-se a fazer uma rota muito longa, num posto onde não possa

Adolfo

fiscalizar permanentemente, pois qualquer outro índio mais trucu-
lento pode, no hora da colheita, querer tomar simplesmente tudo pa-
ra si, gerando não raro, brigas fatais conforme vários exemplos an-
tigos e recortes que se citou pessoalmente como típicos da Histó-
ria da nação.

Com relação a obtenção de bebidas alcoólicas e o as-
salto nas propriedades próximas à reserva, a lei interna do grupo
determina um sigilo total e é considerado falta gravíssima qual-
quer denúncia que se faça chegar às autoridades, sejam ou não do
FUNAI.

Por isto é necessário muito tato para se conseguir
qualquer informação por parte dos índios que possa conduzir ao es-
clarecimento de problemas ocorridos quer internos ou externos.

Ainda quanto à obtenção de aguardente, sabemos que
em geral, os índios de Água Boa vão obtê-la em Santa Helena, povoa-
do de aproximadamente mil habitantes, a 12km do posto, no rumo de
Machacalis a mais 12km. Os habitantes do Pradinho, por sua vez, pro-
curam conseguí-la em Batinga, pequena cidade de cinco mil habitan-
tes, na fronteira de Minas com a Bahia, a 15kms do Pradinho pela
estrada, mas que, pelo caminho dos índios, reduz-se a apenas uma
léguas.

As táticas utilizadas para conseguir a bebida são as
mais variadas e as mais frequentes são as seguintes:

1) Aquisição direta dos comerciantes - forma mais ar-
riscada, porém facilmente praticada nos dias úteis através dos fun-
dos do estabelecimento ou mesmo nos fins de semana, aproveitando-
se a confusão de movimento, pois são dias de feira.

2) Aquisição por intermediários - é a maneira mais
praticada, sendo a aguardente adquirida nos estabelecimentos por
terceiros e por eles revendida aos índios na periferia da cidade
ou nas estradas e por eles escondida em seus ombreais.

3) Aquisição em alambiques particulares instalados pe-
los fazendeiros. Quando não são atendidos, geralmente são assaltos
de à noite, pelos índios, sendo motivo de várias denúncias e quel-
xes posteriores dos prejudicados.

Quando todos estes meios fracassam eventualmente, de-
vido à presença da polícia ou de elementos do Funai, os índios pro-

Dez/2

curem obter a bebida em cidades mais distantes, até mesmo em Teixeira de Freitas ou então obter álcool nas farmácias ou até mesmo roubá-lo na enfermaria do posto para misturá-lo com açúcar e xerapa.

Uma coisa é certa: a presença ostensiva da Polícia Estadual aos sábados em Batinga e aos domingos em Santa Helena, tem contribuído para manter a ordem na cidade e na estrada, e assim fazer diminuir o consumo da cachaca, mas de forma alguma poderá eliminá-lo, pois não podem haver recursos humanos suficientes para tanto ao mesmo tempo que outros fatores implicam para existência deste comércio ilegal. Em primeiro lugar é irrecusável negar que, como ocorre em todo ser humano, existe uma irresistível atração pelo que é proibido, principalmente se isto provoca sensações agradáveis de fuga e êxtase. Chego mesmo a acreditar que o problema da ingestão de bebidas alcoólicas poderá ser controlado e amenizado, mas não eliminado de todo.

Em segundo lugar, tanto o índio como o civilizado for needor estão envolvidos por um interesse comercial que ultrapassa as questões de ordem moral. De nada adiantarão quaisquer campanhas de simples conscientização bilateral se ambas as partes interessadas estão em geral, de estômago vazio e testemunhando tanta desigualdade, frustração e hipocrisia à sua volta. O que resolverá - e é o que se está tentando fazer - é promover um desenvolvimento econômico da comunidade indígena.

Quanto aos fornecedores, há nomes conhecidos e que estão sendo reprimidos, mas sempre existirão outros para substituí-los.

Os elementos não indígenas que perdem na área além dos servidores da FUNAI, incluindo o artífice e o vaqueiro, são os seguintes:

1) José Pereira da Silva, o José "Quebra Queixo", lavrador antigo e que fora acusado de fornecer pinga, tendo sido intimado a depor tanto pela Polícia Federal como a Estadual, mas foi solto por falta de provas recentes e ainda hoje lá está, tolerado pela comunidade e às vezes, trabalhando por empreitas.

2) Hildebrando "Macumbreiro" - irmão do Aluíde, também não índio, casado há 25 anos com o chefe Adolfo. Também acusado de bebida fornecer aos índios, foi também intimado a comparecer à Delegacia da Polícia Estadual, em Ilhéus, mas ainda não o tinha

Assf

feito até a minha saída da área.

3) João Rodrigues de Oliveira - o "João Gabiroba". Este é o caso mais delicado. A filha mais velha, Eva, casou-se com o filho mais velho de Adolfo e assim, os pais foram morar dentro da Reserva.

Hoje, as outras duas filhas também já estão comprometidas com índios. Maria vai casar-se com Tim Tim e Tereza com Jupy.

Como o relacionamento parece já muito avançado, sou de opinião que a presença desta família deve ser tolerada, salvo quando e se houver novas denúncias sobre comércio clandestino de aguardante, sem dúvida, a grande "praga" da região.

4) D. Maria Senhora Ferreira das Neves - ali mora há 42 anos, em companhia dos idosos pais e de uma filha moça, numa casa de alvenaria antiga no fundo da casa-sede do posto. Não tem havido maiores problemas com esta família.

O PROJETO

Numa tentativa especializada em resolver os graves problemas que sempre assolaram a comunidade Maxakali, a ASPLAN elaborou ainda no primeiro semestre do ano passado, após rigoroso levantamento, um projeto de desenvolvimento cuja primeira finalidade constitui-se em tornar aquela nação auto-suficiente em todos os artigos que aprenderam a necessitar e substituir, deste modo, a presença das cidades e povoados próximos, abandonando-se, por extensão, as más tentações encontradas nestes, especialmente a bebida e os jogos de azar.

Foram assim previstos, com detalhes, a construção de uma cooperativa, alojamento para funcionários em visita, recuperação da casa-sede, ampliação da escola em Água Boa, construção de uma farmácia-residência e casa-sede dos peço e bombas, além de bicos públicos, tudo isso para o trabalho.

Foi solicitado e adquirido um bom trator de rodas Volmot "Id 55" que, com todos os implementos necessários, destinava-se a preparar áreas agrícolas em terras de Reservas. Uma serraria e uma máquina de beneficiamento de arroz também foram instaladas em Água Boa. Foi adquirido um jipe novo.

Foi solicitada também a orientação de um antropólogo e de um técnico agrícola. Foram previstas distribuição de Instru

Assp

mentos de labora e a recuperação do prédio de enfermaria de Água Boa.

Tudo enfim, foi bem planejado, com exceção de dois itens que considero de mais fundamental importância e que foram omitidos:

1) Construção de uma escola para o Pradinho, justamente para a população mais carente de assistência em todos os sentidos, tanto alimentar como médica e educacional.

2) Recuperação para tornar de tráfego permanente a estrada do Pradinho cujo acesso é abaixo da crítica, tornando-se mesmo impossível na época de qualquer chuva mais forte, especialmente pela falta de uma ponte para transpor o córrego Emburana, o que poderia ser feito inclusive, em convênio com a prefeitura municipal ou com o próprio Estado. Foi incansável, por este motivo, o desgaste humano, material e temporal durante a época das construções naquela área.

3) Não foi prevista a recuperação da velha casa-sede, do tempo do Sr. Telésforo Fontes e que, embora sendo considerada pelos índios mais velhos, como um patrimônio inestimável e utilizada inclusive como hospedagem pelos Índios do Pradinho em trânsito e como salão de bailes, está no mais precário e perigoso estado, podendo ruir a qualquer nova temporada de chuvas mais fortes. Esta mesma casa serve ainda, em sua parte baixa, como depósito de material e assim, tem sua utilidade, mas desde que seja inteiramente recuperada; do contrário, terá, mais cedo ou mais tarde, problema a lamentar.

Se durante o planejamento, e elaboração do Projeto, a pesar de bem feito, houve estas sanções, muito pior ocorreu posteriormente, durante sua fase de execução, especialmente devido à geral carência de recursos humanos e outros outros imprevistos, às vezes surpreendentes. Os principais argumentos são:

1) Minha tardia convocação. De fato, embora estivesse em disponibilidade desde 10 de agosto passado quando retornei das férias, somente em final de setembro fui, às pressas, convocado, deixando assim de prestar colaboração pessoal desde o início das atividades.

2) A não participação de técnico agrícola durante a

Deep



fase dos estudos e a igualmente tardia convocação do mesmo que também só chegou a área com a nossa viagem, já no mês de outubro.

3) O início retardado das construções. Quando chegou aos a área no dia 14 de outubro, a cantina ainda estava em suas alicercas, bem como a enfermaria de Pradinho e a parte a ser ampliada da escola de Água Boa que ainda nem havia sido iniciada. Tal a trazo motivou muitas viagens já em tempo de chuva e a impossibilidade de envio dos gêneros com os quais se pagaria o trabalho dos índios nas roças.

4) A falta dos implementos para o trator. Este foi um dos fatos surpreendentes. Semente e lâmina adaptável na frente, foi enviada. Já o arado, fabricado pela Santa Isabel, só chegou a área no dia 13 de novembro, já plena época de chuvas, quando sua finalidade já havia sido ultrapassada. Para agravar, a grade aradora específica, de 32 discos, nem chegou a ser enviada, o que obrigou a dois improvisos: o primeiro, a de precisar serem adaptadas duas velhas grades do tempo do Capitão Pinheiro, pelo Dr. Valtor Mendes e depois, pelo técnico Marco Nequeira; o segundo, a de precisar pedir emprestada uma grade aradora apropriada, já no mês de janeiro, ao fazendeiro João Pinto, de Água Formosa e que, até a minha retirada da área, ainda não havia sido devolvida, criando um desagradável mal-estar a perda de confiabilidade junto ao mesmo.

Por estas mesmas razões, somente foi possível trabalhar e cultivar adequadamente, o espaço existente entre a colina da enfermaria e a aldeia de Miguel, deixando-se assim de trabalhar totalmente na área de Pradinho e perdendo-se o trabalho iniciado improvisadamente em dois outros terrenos em Água Boa.

5) As sementes, apropriadas, não foram encontradas em Governador Valadares. Desta forma, o que se conseguiu foram apenas um pouco sacos de arroz, para terrenos alagadiços e outra meia dúzia de sacos de cimentos de milho cedidos gentilmente pelo Sr. Pimenta, da BCAR de Água Formosa.

O único outro terreno cultivado foi trabalhado manualmente para plantio de arroz e localiza-se entre a margem esquerda do córrego Água Boa e a casa de João Gobirola mesma área de uns 100 metros quadrados,

6) Distorções no envio dos recursos. Foi ao mesmo tempo causa e consequência. Causou a impossibilidade de abastecer os

Alc

Índios dos artigos de suas necessidades dentro do próprio local, obrigando-os a continuar e frequentar a feira nos povoados e foi conseqüência, talvez, de inabilidade administrativa uma vez que os próprios recursos em dinheiro, às vezes atrasavam ao ponto de se esgotarem completamente como ocorreu na véspera da minha partida, ao final do primeiro período quando tive de emprestar pessoalmente Cr\$ 960,00 (Novecentos e Sessenta Cruzeiros) para pagar um dia de trabalho para os trinta e dois índios que nela participaram em várias atividades.

Estas atividades, das quais também participei fisicamente para dar o exemplo e aumentar realmente o entusiasmo e o crédito dos índios, consistiram em arrancar moirões e arame farpado de cercas em desuso para rementá-las nas áreas cultivadas. A conservação da área junto a enfermaria é a escola da Água Boa fiz pessoalmente, portanto nenhuma verba foi aplicada fora das especificações durante todo o período.

É da máxima importância também lembrar que, por não quiseram que os índios suas roças particulares que bem ou mal, lhes garantem o sustento, é evidente que nenhum deles irá trabalhar em roças colativas do projeto comunitário sem receber remuneração à parte, seja ela em dinheiro ou em espécie. O regime de mutirão é inaplicável para atividades mais extensas e demoradas, principalmente sendo os Maxakali muito individualistas, e esta índole não pode ser modificada de uma hora para outra, sem os bons e bem aplicados recursos.

7) Um erro na atuação do Técnico Agrícola. Demonstrando ser um elemento de indiscutíveis conhecimentos dentro de sua especialidade e bastante interessado e esforçado, apesar de sua deficiência física, foi entretanto muito infeliz no trato com os índios durante um momento crucial. Na noite de 22 de janeiro, domingo, os índios da aldeia de Adolfo, conseguiram abrir com uma chave qualquer, a porta da enfermaria e roubaram vários litros de álcool com o qual se agitaram a noite toda e amanhecaram completamente em briagados. O técnico agrícola que, infelizmente também bebia dentro da área, foi tomar satisfações com eles forçando-os a levantar-se para um entendimento imediato apesar de minha recomendação para que não insistisse em tão inábil comportamento. No entanto, ele

Handwritten signature

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-11-

teimou e ao acordar o índio Tim Tim, que é tão vigoroso quanto temperamental, então levantou-se aborrecido e deu início a um grande desentendimento, quase agredindo o técnico, mas o ponto máximo foi atingido quando apareceu o índio Luiz Kaiwá, procedente do Panambi (MT) e casado há cinco anos com a índia Helena Maxakali, sobrinha de Adolfo. Este foi acusado de ter denunciado o repto das bebidas e, foi agredido por José e Tomé que já havia acordado, sendo quase esfaqueado, em momentos de grande tensão. O outro índio Kaiwá, 70 lino, casado com outra filha de Adolfo, Maria Diva, também serviu de bode expiatório e, mesmo após os apartarmos da briga, continuaram durante todo o dia sendo jurados de morte. Neste clima, resolvi recolhê-los ao prédio da cooperativa e, no dia seguinte enviá-los, acompanhados pelo técnico agrícola que também resolveu retirar-se provisoriamente, até a sede em Governador Valadares até que tudo se acalmasse, como de fato ocorreu, tendo os índios, após o incidente, manifestado grande arrependimento pelo que fizeram, embora sempre alegassem que se não tivessem sido molestados em seu sono, nada teria ocorrido, o que é verdadeiro. Havia então sido recuperado o clima para que os dois índios pudessem retornar em paz, já que suas mulheres começaram a manifestar saudade e pressionar os parentes.

O pior, porém, veio depois. O referido técnico sem qualquer autorização neste sentido, desentendeu-se com os funcionários da Delegacia em Valadares e encaminhou-se, no dia seguinte, com os dois índios para a sede em Brasília que, por sua vez, levou-os de volta a Mato Grosso, conforme eles naturalmente desejavam há muito, pois também têm parentes lá e não vivem no sentido bom considerados entre os Maxakali.

Depois disto e passado tanto tempo, é mais que evidente que eles agora já não poderão retornar e serem perdidos pela comunidade por sua fuga e a revolta dos próprios Maxakali contra o técnico agrícola também não permitirá seu retorno à área. Este, consciente de sua falta, já pediu demissão da FUNAI, o que não deixou de ser lamentável, pois fora destes erros de beber e incomodar os índios embriagados, sempre procurou dar o máximo de si para suplantar o atraso das atividades. Entretanto, estes erros foram profundos demais para evitar o comprometimento de sua permanência na

Handwritten signature

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-12-

área. Será necessário contratar outro.

Também demitiu-se a atendente da enfermagem Maria Nazareth Pereira Caldas que comprometeu-se afetivamente com o técnico Marco Nogueira, com objetivos matrimoniais e, assim, resolveu abandonar a atividade na área.

Fisicamente esgotado e com férias atrasadas, também se retirou da área o Chefe do Posto Raimundo Nonato Rosa no dia 15 de janeiro. Obteve licença médica de quinze dias após as quais iniciou férias. Contudo, alegando falta de segurança pessoal, o que, em parte é verdadeiro, pois os índios, quando embriagados, são perigosos, pretende pedir transferência, condicionando sua volta ao posto à entronização de agentes de segurança dentro da área.

Restaram apenas o vaqueiro João Gomes - que também já transferiu a família para Santa Helena - e o trabalhador Miguel de Souza Gil que está respondendo pelo posto, atualmente acéfalo como consequência de todos estes problemas. Durante minha permanência, respondi por tudo.

Também como consequência do fracasso executivo do projeto, alguns índios do Pradinho, inclusive os elementos da GRIN, extensivamente, sem fazer qualquer segredo, resolveram, vender clandestinamente toras de madeira preciosa daquela área para madeireiros procedentes do Espírito Santo que, empregando tratores e caminhões e apresentando falsos papéis com autorização de Brasília, retiram faveiro, jiquitibá e jacarandá por apenas Cr\$ 1.000,00 (Mil Cruzeiros) o metro, preço estipulado pelos índios que, por sua vez, "não querem saber de ninguém se introdozendo nos seus negócios, pois precisam de dinheiro", segundo falou-me pessoalmente o GRIN Kelé.

Por esta razão, para documentarmos a ocorrência, precisamos recorrer ao rádio da Polícia em Machacalis, pois, quando o fato é comprometedor para os índios, estes não gostam de vê-lo sendo denunciado para o Delegado e, toda a vez que o motor é ligado para se falar ao rádio, os indígenas comparecem para fiscalizar rigorosamente o que é transmitido e recebido.

A REPRESA - Em meio a tantos fatos negativos, pude porém ter a satisfação de constatar uma experiência vitoriosa e que pode ser generalizada em vários outros pontos da reserva. Trata-se de uma

[Handwritten signature]

presa cuja idéia foi recomendada pelo técnico agrícola antes de se retirar-se e cujo lugar escolhi pessoalmente e ensaiei uma construção experimental com o trator e mais três índios que se dispuseram a colaborar, com ótimos resultados, aproveitando inclusive o bom período de sol de 20 dias ocorrido em janeiro, logo após minha chegada.

Como as fotografias e o croquis demonstram, o sistema, quando bem executado, empregando-se tubulões no leito do rio e uma pequena comporta no seu curso, permitirá a preço muito barato, uma irrigação permanente e o cultivo portanto, perene, em qualquer estação, dos dois campos que foram trabalhados durante este período, eliminando-se assim o extremo escassez de alimentos que ocorre no tempo da seca. O sistema é muito simples e perfeitamente exequível, sendo recomendável, deste modo, que se acrescente no projeto para o próximo exercício orçamentário.

Outra iniciativa que dará certo é o transplante de mudas de bananeiras plantadas inadequadamente na encosta do morro para uma área de mais de 100m² contígua ao principal campo de agricultura, logo atrás da enfermaria da Água Boa, cujo terreno é por tudo, excelente e apropriado para o cultivo deste alimento.

CONCLUSÃO

Fica evidenciado que com tantas distorções verificadas desde o início das atividades e com tantos imprevistos no decorrer do tempo de sua execução, não seria mesmo possível atingir sequer a metade do que era esperado. É claro que nem tudo foi perdido as construções foram terminadas e o que foi plantado também será aproveitado. Com exceção do feijão, totalmente perdido por já ter sido semeado na segunda quinzena de dezembro, todo o milho e o arroz plantados estão já quase prontos de serem colhidos. O que não sei, porém, após minha saída, é como a safra será repartida. O estoque da cantina não foi mandado, pois ao final, já não havia mesmo garantias de segurança diante de todos os fatos precedentes e a sugestão que deixei aos índios era a de dividir toda a plantação em partes iguais e cada qual aproveitar a produção para si. Não sei se assim foi feito. Pode ser até que tenha sido simplesmente esbaldada como o foram todas as roças anteriormente ali implantadas.

[Handwritten signature]

O certo é que, durante este período, com exceção dos elementos do GRIN, que poucas vezes colaboravam, os demais índios procuravam trabalhar e sempre o faziam com qualquer tempo, desde que, naturalmente, houvesse recursos para pagá-los. Mesmo, porém, faltando tais recursos no segundo período, quando a verba esgotou-se completamente, não foi difícil conseguir com que os índios Zé Zinho, o tratorista, Edval, Tim Tim, Jupy e Valdir trabalhassem comigo gratuitamente para a construção da represa experimental, motivados com os reais resultados que se apresentavam, no decorrer dos trabalhos.

No entanto, não é possível com tanta carência de recursos financeiros e principalmente humanos que houve, precader-se a um ritmo de atividades homogêneas em todas as aldeias de ambas as Reservas. A distribuição demográfica é heterogênea bem como o caráter de cada índio, distorcido por tantos anos de más influências.

Tudo isto, porém, não pode ser considerado para negar a validade do projeto que continua em sua base perfeitamente exequível, bastando apenas que se reformule o orçamento para sua aplicação integral no próximo período que já não demora a chegar, com o acréscimo das sugestões aqui oferecidas.

Quanto à atuação do servidores na área, deve esta ser valorizada pelas condições do lugar. A comunidade Mexakali é realmente problemática e dentro destas circunstâncias, todos deram bastante esforço de si, tanto o Chefe do Posto como o artífice, o vaqueiro, o atendente e o próprio técnico agrícola que teve contra si apenas uma frequência transitória pela bebida e a falta de experiência no trato com os índios. A própria antropóloga Neli Ferreira do Nascimento que ali estava apenas para pesquisas, contribuiu com sua parcela de trabalho durante o período de plantio do arroz, junto com os demais.

SOLUÇÕES PROPOSTAS:

1) Melhorar e tornar permanente a estrada de 12km que dá acesso de Água Boa ao Pradinho, executando-se um trecho intermunicipal de dois quilômetros que são parte da estrada Falzburgo-Balinga.

Os pontos mais críticos estão no chamado Cansação

Handwritten signature

pequenos trechos totalizando cerca de quinhentos metros que devem ser drenados é ali serem construídos pequenos pontilhões em madeira que resolverão a questão do tráfego naquela parte.

Pelo lado do Pradinho, será essencial a construção de uma ponte de vinte metros, podendo ser em madeira, para transpor o córrego emburana que, a uma chuva mais forte, eleva-se e impede efetivamente a passagem de qualquer viatura. Também são necessárias as construções de dois outros pontilhões próximos à casa onde mora o linguista Harold Popovich, do SIL, além de uma outra ponte, de cinco metros, a trezentos metros da aldeia.

Se esta estrada, enfim, não for reformada, jamais será possível oferecer apoio e assistência segura e permanente àquela área onde nenhum chefe de posto ou atendente poderá exercer com eficiência e estabilidade a sua função. Professora, também não consegue encontrar uma só que tenha a "coragem" de lecionar naquela área, nas condições ambientais atuais. Isto em Água Boa. No Pradinho as circunstâncias são ainda piores.

2) Incluir no projeto para este exercício a construção de uma ESCOLA-RESIDÊNCIA para a área do Pradinho em prédio de boa qualidade.

3) Adquirir e enviar sem demora a importante grade a redeira que falta ao trator, para preparar os terrenos agricultáveis.

4) Incluir recursos para a construção de duas represas na Reserva de Água Boa, a principal delas dependendo do trabalho do trator.

5) Liberar recursos para a recuperação da velha casa-sede existente ao lado da enfermaria, a que está a ponto de ruir ou então, se a comunidade, em última instância, concordar, poderá demolí-la. Se não se pode é cobri-la no estado em que se encontra.

6) Providenciar mais amplos recursos humanos. Melhorar as condições de moradia funcional no Pradinho e de acesso ao mesmo, deve ser uma área considerada como um outro posto que deve contar com chefe próprio, atendente, professores para o ensino básico proposto e apoio do rádio a viatura. Do modo como atualmente está, incluindo a sua apoio, será apenas um espaço de sub-posto sem reconhecimento e sua capacidade para cumprir sua importante

aul

função de assistir a uma comunidade de mais de duzentas pessoas.

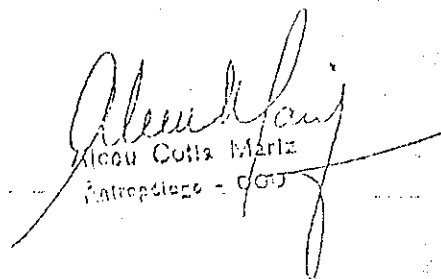
Além disto, sendo um posto indígena, poderá receber recursos próprios, específicos e exclusivos para sua manutenção.

7) Os trabalhos deverão ser revistos e executados em equipe. Como já foi dito, o índio Maxakali é um revoltado em potencial. Revoltado pelo massacre de seus antepassados através das frentes pioneiras; revoltado pela cobiça, devastação e dilaceramento de suas terras; revoltado por ter sido tratado durante anos como se estivesse cumprindo condenação numa colônia penal agrícola, tipo Ilha Grande; revoltado, enfim, por um sem-número de promessas já mais cumpridas por quantos administradores por lá passaram.

Assim sendo, somente o trabalho de uma equipe de alto nível ali radicada, composta de antropólogos e sociólogos, poderá, a médio prazo, regenerar a comunidade e fazê-la assim, sem destruir seus valores, a aceitar e participar de nosso processo histórico universal.

Brasília-DF, 28 de Fevereiro de 1973.

ACM/assa.


Alceu Colla Mariz
Antropólogo - OGJ